

***DOMINA INSIGNI ET MERITO ILLUSTRIS: AS MULHERES E O  
DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL NA ANTIGUIDADE TARDIA SOB A  
ÓTICA AGOSTINIANA.***

*Patrícia Cristine Alves Veras<sup>1</sup>*

**Resumo:** Agostinho de Hipona é considerado um dos “Doutores da Igreja” pelo seu trabalho de defesa da fé cristã durante os séculos IV e V d.C. Como bispo escreveu mais de duzentas cartas, entre elas cinco dedicadas à Faltônia Proba e sua família. O presente trabalho analisa as cartas agostinianas com o intuito de entender qual o papel desempenhado por Proba e Juliana dentro da igreja africana, bem como compreender as orientações para o desenvolvimento espiritual destinadas a esta família.

**Palavras-chave:** Igreja Doméstica; Faltônia Proba; Mulheres Cristãs; Agostinho de Hipona; Antiguidade Tardia.

***DOMINA INSIGNI ET MERITO ILLUSTRIS: WOMEN AND SPIRITUAL  
DEVELOPMENT IN LATE ANTIQUITY UNDER AUGUSTINIAN OPTICS.***

**Abstract:** Augustine of Hippo is considered one of the Doctors of the Church for his work in defence of the Christian faith during the 4th and 5th centuries. As a bishop he wrote more than two hundred letters, among them five dedicated to Proba and his family. The present work analyzes the Augustinian letters in order to understand the role played by Proba and Juliana within the African church, as well as to understand the guidelines for spiritual development aimed at this family.

**Keywords:** Domestic Church; Faltonia Proba; Christian Women ; Augustine of Hippo; Late Antiquity.

## **Introdução**

O presente artigo nasceu da participação no Colóquio Internacional *Eurykléia*, realizado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), entre os dias 30 de outubro e 1 de novembro de 2019. O Projeto *Eurykléia* tem como objetivo formar uma base de dados digital de acesso gratuito com documentação que contenha menções a mulheres entre os séculos VIII a.C. e V d.C. Nessa ocasião, mostramos nossa análise sobre a carta 131 de Agostinho de Hipona destinada à Proba<sup>2</sup>. Neste trabalho, apresentaremos todas as cartas destinadas à família de Proba com o intuito oferecer ao nosso leitor uma visão mais abrangente do documento estudado.

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pela UNIRIO. A pesquisa apresentada neste artigo foi fruto do trabalho realizado como bolsista da UNIRIO na Iniciação Científica. Atualmente realiza a pesquisa de mestrado *Cartas dos Doutores da Igreja: as ações femininas nas epístolas dos séculos IV e V*, orientada pela professora Miriam Cabral Coser, no PPGH-UNIRIO.

<sup>2</sup> Neste artigo quando nos referirmos à “Faltônia Proba” usaremos apenas “Proba”.

Em 410 d.C.<sup>3</sup>, os visigodos invadiram Roma e algumas famílias senatoriais fugiram e refugiaram-se nas províncias. Foi nessas circunstâncias que a família de Proba chegou a Cartago (FRANGIOTTI; OLIVEIRA, 1987, p. 109). Conhecemos Proba e sua família através das cartas que Agostinho de Hipona, Jerônimo de Estridão e João Crisóstomo escreveram para ela e sua família. Proba pertencia a *gens* dos Anícios que, segundo Peter Brown, foi a família romana mais rica do século V. Segundo estudos prosopográficos (JONES; MARTINDALE; MORRIS, 1980), Proba foi esposa de *Sex. Petronius Probus* e, em 395, ficou viúva. Agostinho escreveu ao todo cinco cartas para sua família. Além de Proba, outra destinatária das cartas era sua nora Juliana, que também era viúva e mãe de Demétria, conhecida como a virgem consagrada.

Peter Brown (2006, p. 226) afirma que Agostinho de Hipona, filho de mãe cristã e pai não cristão, nasceu em 354, em Tagaste, cidade da província romana da Numídia, no norte da África. Graças à boa educação que recebeu, ficou conhecido por sua eloquência. Em 384 tornou-se professor de retórica em Milão, dois anos depois se converteu ao cristianismo e em 395 foi consagrado bispo. Destacou-se por sua defesa da fé católica frente a outras vertentes religiosas que existiam na época. Escreveu uma autobiografia que tem ajudado os historiadores a compreender melhor trechos de sua vida. Suas obras, escritas após sua conversão, fazem parte do movimento de defesa da fé cristã dentro da Roma imperial. Jérôme Baschet destaca que um bispo representava tanto a autoridade religiosa quanto política. No caso do bispo de Hipona, seus escritos tiveram grande influência na construção da doutrina da Igreja Católica do ocidente e no pensamento medieval. Ambrósio, Agostinho, Jerônimo e Gregório, que mais tarde foram tidos como os “Doutores da Igreja” (Baschet, 2006, p. 63), escreveram uma grande quantidade de epístolas para transmitir a doutrina e defender a fé cristã de outras correntes de pensamento que surgiam, inclusive dentro da própria Igreja. A correspondência trocada entre Agostinho e a família de Proba não era uma documentação privada; o próprio autor solicitou que suas destinatárias transmitissem o conteúdo para outras mulheres, como veremos em mais detalhes neste trabalho. Nestas cartas, podemos perceber que havia um canal de comunicação da família de Proba com o bispo, porém, não dispomos das cartas escritas por essas mulheres, apenas as que foram escritas por Agostinho, uma vez que, por se tratar de uma documentação oficial uma cópia de cada carta era arquivada pelo próprio bispo.

---

<sup>3</sup> Nosso trabalho se restringe aos primeiros séculos da era cristã, deste modo, todas as datas subsequentes são referentes a esse período.

## As Cartas

O conteúdo das epístolas é variado. A carta 130 é destinada à Proba, e nesta, Agostinho escreve uma extensa resposta a uma suposta pergunta dela sobre a oração. A carta 131 também foi destinada à Proba e pelo seu conteúdo o remetente parece estar dando continuidade a um assunto iniciado anteriormente. Explica brevemente o tema e se despede agradecendo pela preocupação dela por sua saúde. A carta 150 foi destinada à Proba e Juliana; nesta, o bispo felicita a família pela decisão de Demétria, filha de Juliana, ter se tornado virgem consagrada. Na carta 188, destinada à Juliana, Agostinho inicia a epístola afirmando que estava muito feliz por ter recebido a correspondência dela na presença de Alípio, seu amigo de infância e também bispo. Contudo, ao longo da carta, Agostinho defende os ideais da Igreja Católica e critica os ideais pelagianos. No documento, o bispo solicita que Juliana responda se ela e a filha Demétria tiveram contato com a doutrina de Pelágio por meio de correspondência. O último documento analisado é uma carta opúsculo, espécie de pequeno livro, destinado à Juliana. Agostinho inicia a carta afirmando que, apesar das suas muitas atribuições, conseguiu um tempo para responder à pergunta de sua destinatária e discorre em um longo texto sobre a questão da viuvez.

### As virtudes e valores femininos segundo os escritos agostinianos

Na carta 131, objeto de nosso estudo, podemos perceber na saudação *Dominae insigni et merito illustri, et praestantissimae filiae* que o bispo (*Ep.131*) reconhece a posição social de Proba e a trata com distinção. Agostinho inicia o texto concordando com uma afirmação feita por Proba, que não foi explicitada na carta (*Ep. 131: Est quidem ita, ut dicis, quod in corpore corruptibili anima constituta*). Ele indica que, em um documento anterior, havia se iniciado uma discussão sobre o tema da corrupção da alma, do que podemos concluir que Proba expressou suas opiniões sobre o assunto. Na continuação do texto, o bispo correlaciona a paciência e a concupiscência: *Quod intuens recte facis, mala huius mundi tolerabilia ducere spe futuri. Sic enim usu quodam bono convertuntur in bonum, dum non augent nostram concupiscentiam, sed exercent patientiam* (*Ep.131*). No trecho em questão, o bispo afirma que, quando Proba busca suportar os males do presente com esperança no futuro, ela exercita a paciência sem fazer

crescer a concupiscência. Ou seja, ela concentra suas atenções na sua vida espiritual, não terrena. Para compreender melhor as afirmações do bispo de Hipona sobre a concupiscência e paciência, buscamos nas outras cartas já mencionadas o aprofundamento do tema.

Na carta opúsculo enviada à Juliana, o bispo afirma que uma mulher comum encontra alegrias no casamento, contudo, quando não se casa, uma mulher também encontra alegrias nos bens materiais. Deste modo, uma viúva que vai praticar a continência sexual pode desenvolver a avareza:

Do mesmo modo, o desejo carnal, privado da satisfação da volúpia, aplica-se, muitas vezes com ímpeto acrescido, ao apetite pelo dinheiro. Reprimindo de um lado, o impulso volta-se com mais violência para o outro (August, *B. vid*).

Por este motivo, a viúva que tem muitas posses deve praticar a generosidade e se voltar para os prazeres espirituais. Segundo o bispo, as leituras, as orações, os salmos, os bons pensamentos, a assiduidade em boas obras, a esperança na vida futura e a elevação do coração são riquezas espirituais que a viúva deve conservar. O autor deseja que Juliana não desenvolva a avareza e faça um “piedoso emprego dos bens” (*pious usus rerum*) que possui, destinando-os para os prazeres espirituais, e orienta que estes gestos “acrescentam imensa eficácia na oração” (*B. vid: quae in immensum modum orationes adiuvant viduarum*). Fica então evidente que, para o autor, só a abstinência sexual não era a garantia para o bom desenvolvimento espiritual. Esta deveria estar acompanhada de outros exercícios, que incluía também a doação de parte de seus bens.

Elisabet Seijo Ibáñez (2017, p.53) aponta que a expansão do cristianismo se deveu ao fato da religião ser adotada pelas mulheres da aristocracia romana. O exemplo oferecido por seu ascetismo chamou atenção por pertencerem a famílias nobres e possuírem riquezas que foram postas à disposição da Igreja. A autora afirma que não foi por acaso que a Igreja teve um considerável crescimento material durante os séculos IV e V, sendo que uma parcela desses bens foi doada por mulheres advindas das famílias senatoriais. Gilvan Ventura da Silva afirma que a principal forma de ascetismo praticado pelas nobres romanas é a pobreza:

De fato, na qualidade de detentoras de um vasto patrimônio, as devotas da aristocracia se tornam célebres por consumir toda a sua riqueza na

conservação de igrejas, mosteiros e hospedarias e no socorro prestado a monges, enfermos e prisioneiros. (SILVA, 2006, p. 86).

Na carta 130, o bispo de Hipona desenvolve o tema da oração e explica como Proba deveria se sentir e se comportar para se desenvolver espiritualmente. Sobre seus bens, Agostinho apenas destaca que ela deverá prestar contas a Deus, uma vez que não os divide por questões familiares. E reforça em mais de uma oportunidade que sua destinatária deve se sentir desamparada, sem bens, viver em oração como se a única fonte de alegria fosse apenas essa: “a alma cristã deve considerar-se desolada, e não cessar de orar” (August., *Ep.*130). Podemos perceber a preocupação de Agostinho de não criticar a postura de Proba quanto à administração de seus bens, mas em contrapartida orienta que, apesar de não doar, ela não deve viver uma vida luxuosa, pois dessa forma estaria morta (*vivens mortua est*).

Sobre o exemplo moral na carta 150, Agostinho de Hipona deseja:

Que suas muitas servas imitem tal senhora. Que as plebeias sigam essa Patrícia, e se forem de classe elevada, mas frágeis, que imitem aquela cuja humildade tanto a engrandeceu. As virgens que desejam para si a reputação dos Anícios prefiram antes sua santidade. (August., *Ep.* 150).

Segundo Marcus Cruz, o grupo composto pela aristocracia romana “se entendia como guardião e mantenedor das tradições romanas” (1996, p. 320). O que pode significar que, antes mesmo de ser uma exigência por parte dos bispos, tradicionalmente a postura dessas mulheres já era digna de apreciação. Para Cruz, os bispos ressignificam algumas das tradicionais virtudes romanas para o contexto da fé cristã como uma forma de difundir a religião no círculo senatorial. Deste modo, uma mulher da aristocracia romana já possuía a função de servir como exemplo, porém, como cristã, sua forma de vida também serviria como modelo para propagar a religião.

Por fim, gostaríamos de destacar a preocupação do bispo de Hipona com os ideais pelagianos. Na carta 188, Agostinho afirma que ficou sabendo que Demétria teria recebido uma carta de Pelágio, e refuta as ideias que nela teriam sido expostas. Segundo o bispo, Pelágio acredita que os bens espirituais de Demétria se devem ao seu próprio esforço, porém, Agostinho defende que, apesar da dedicação da virgem, o “dom” e a “graça” são apenas divinos, tirando, assim, o protagonismo da santa virgem.

## **O Matrimônio, a viuvez e a virgindade**

Um dos temas abordados nas cartas é o casamento. Fabiano de Souza Coelho (2017, p. 73) destaca que, antes de Agostinho escrever seus trabalhos sobre o casamento e a virgindade, houve algumas correntes que exploraram a temática. O autor destaca que tanto os maniqueus, quanto Jerônimo de Estridão não possuíam visões favoráveis ao casamento. Mas ainda havia o caso de Joviniano, que criticava a virgindade consagrada. Segundo Coelho, algumas virgens abandonaram seus votos após entrar em contato com os ensinamentos de Joviniano. O autor afirma que os escritos de Agostinho podem ser entendidos como uma forma de resposta às críticas que os bispos enfrentavam e às ideias que estavam sendo discutidas na época. Agostinho escreveu as obras *De bono conjugali* e *De sancta virginitate* em 401 (BROWN, 2006, p.226) e as cartas estudadas neste trabalho são da mesma década (c. 410). O que significa que as questões apresentadas pelo bispo já faziam parte de sua doutrina.

Nas cartas, Agostinho destaca que o matrimônio ou o segundo matrimônio, em caso de viuvez, não é um mal. Contudo, o desenvolvimento espiritual da mulher casada é mais lento, “inferior”, pois ela tem que se dedicar ao casamento. Para o autor, uma vez casada, a mulher deve ser submissa ao marido. Elucida a questão com um exemplo: uma mulher casada e com filhos vai fazer suas orações pelo bem de sua família e não pelo bem de sua alma. Para convencer Juliana de não contrair um novo casamento, Agostinho explica que, como esposa, ela deve obedecer e agradar ao marido. Mas embelezar-se, ao lado da filha, por exemplo, faria Juliana se envergonhar, assim como engravidar não sendo tão jovem. Afirma que no estado de viúva consagrada não há por que utilizar pó ou ruge para aparentar beleza, mas se fosse casada, deveria fazer isso se o marido quisesse. Outro ponto levantado pelo bispo é que, na qualidade de mulher casada, ela só poderia se abster de ter relações sexuais se o marido também o fizesse, pois se ele não aceitasse a condição de abstinência sexual e fosse ter relações fora de seu casamento, ela seria culpada pelo adultério por ele cometido. Deste modo, seria melhor para uma mulher viúva permanecer solteira e fiel ao seu compromisso.

Em mais de uma oportunidade, Agostinho defende que o casamento não é um mal, mas não tem tanto valor quanto a virgindade consagrada ou a viuvez consagrada. Ainda na carta opúsculo, o bispo esclarece que as mulheres dos “tempos proféticos”, as “santas mulheres”, eram obrigadas a casar porque havia a promessa de que o filho de Deus iria nascer daquele povo. Desta maneira, o autor defende que as “santas mulheres” casavam-se por obediência às leis, para ter filhos e não para desfrutar da vida de casada. No

decorrer da carta, tece muitos elogios à virgindade consagrada ao serviço religioso, afirmando que era um dom tão importante que, no caso da família de Proba, tanto ela quanto Juliana iriam se beneficiar espiritualmente dos votos de Demétria. O bispo apresenta a virgindade consagrada como a melhor virtude, ao ponto de todas da família se beneficiarem das “riquezas espirituais” de Demétria. Mas tanto a avó quanto a mãe deveriam manter-se viúvas, dedicadas à oração e à caridade, para servir de exemplo para todas as mulheres que as conhecessem. Como pertenciam a uma família rica, o bispo alerta que não deveriam se “deleitar” com os bens materiais, porque isso era uma forma de quebrar seu compromisso.

### **A igreja doméstica**

Na carta opúsculo, Agostinho afirma que os ensinamentos são destinados à Juliana e também a “outras”, pois pede que “não se esqueça de o dar a ler a outras” (August., *B. vid*). Ele nomeia de “igreja doméstica” a forma como Proba e Juliana convivem com outras mulheres em sua residência. Na carta 130, o bispo destaca que Proba e Juliana devem dar o exemplo para as “santas viúvas e virgens que se acham sob vossa proteção” (August., *B. vid*). Furlani (2013, p.12) nos ajuda a entender melhor como essas mulheres se organizavam nesta época. O artigo destaca que as viúvas formavam uma espécie de associação com outras mulheres, em que uma delas ficava responsável por esse grupo. Normalmente as viúvas ficavam encarregadas de ajudar as virgens a manter seus votos. Nas cartas destinadas à Proba, percebemos que possivelmente ela realizava essa função. Assim, compreendemos que o protagonismo de Proba estava assegurado porque dispunha de recursos e poderia utilizar para doações. Contudo, podemos perceber que o caso dela não era isolado:

As mulheres acompanham os apóstolos, testemunham a revelação, evangelizam [...] estão entre os protagonistas das primeiras gerações cristãs, dos primeiros mártírios, oficiam as primeiras cerimônias religiosas, assistem os ofícios sagrados num protagonismo que nunca mais repetiram na história. (DIAS, 2004, p. 115)

Para Gilvan Ventura da Silva (2007, p. 91), esse protagonismo das mulheres nos primeiros tempos do cristianismo motivou os bispos a delimitar o papel delas. Desta maneira, os concílios serviram para definir certos comportamentos como heréticos. Entretanto, encontramos no “Círculo de Aventino” em Roma, no final do século IV, um

grupo de mulheres que acolhem Jerônimo de Estridão e “transformam suas mansões em locais de discussão religiosa” (COELHO, 2018, p. 21). Após Jerônimo ser expulso de Roma, Paula, mãe de Eustóquia, acompanha Jerônimo até o oriente. Lá constroem um lugar onde viveriam com diversas mulheres que apresentavam o mesmo propósito de desenvolvimento espiritual. Outro exemplo é o de Melânia Senior e Marcela, que além de ajudar com suas generosas doações, também “atuaram de maneira sistemática nas reflexões teológicas, debates e estudo da Sagrada Escritura”, conforme apontam suas biografias (SIRQUEIRA, 2013, p. 5). Sabemos que muitas mulheres participaram do ascetismo durante esse período, porém, muitas delas permaneceram no anonimato, e nem todas cumpriram seus votos até o fim da vida.

O assunto das virgens caídas é outro tema que aparece na documentação. Segundo Paula Barata Dias (2004, p. 116), o ascetismo feminino nos primórdios do cristianismo oferecia outra opção de vida às mulheres que não queriam se casar. Proba era uma viúva com muitos bens, oriunda da aristocracia romana, e conservava um canal de comunicação estabelecido com o bispo católico Agostinho, e este, inclusive, concorda com diversos posicionamentos dela, algo para nós de suma importância, pois ele não estava apenas passando orientações, mas dialogando com ela. Proba era responsável por uma “igreja doméstica” e velava pela realização espiritual de outras mulheres. Os bens materiais da matrona, aos olhos do bispo, poderiam ajudar na sua realização espiritual, uma vez que a doação dos mesmos, aliada à oração, ajudaria a viúva a enfrentar a concupiscência e manter seu voto.

## **Conclusão**

Projetos como o da base de dados *Eurykléia* são importantes, pois permitem a pesquisa sobre mulheres na Antiguidade. Com melhor acesso aos documentos, podemos aprofundar temas que envolvam a temática feminina. A documentação analisada mostra que as mulheres dos primeiros séculos do cristianismo possuíam uma participação mais abrangente do que normalmente se acredita. Proba e Juliana, oriundas de uma família senatorial, cuidavam de outras mulheres em sua própria casa, e eram as porta-vozes dos bispos para elas. Não era só Agostinho de Hipona que se correspondia com essas mulheres: vários bispos dedicaram obras e cartas para atender à crescente demanda da participação das mulheres na vida religiosa cristã. Nas cartas percebemos a preocupação do bispo de Hipona em saber se essas mulheres mantinham comunicação com outras



correntes de pensamento que posteriormente foram tidas como heréticas. No período em que essas cartas foram escritas, a doutrina católica ainda não estava definida. Com um estudo mais detalhado sobre o contexto da época, percebemos jogos de interesses e disputas ideológicas que vão ajudar a compor os posicionamentos da igreja cristã. Um ponto interessante é o fato de que, apesar de Agostinho praticar a abstinência sexual, como explica Peter Brown (2006, p.240), esse exercício ainda não era adotado por todos os bispos do período, porém, a virgindade consagrada feminina já era defendida. Entretanto, tal zelo não era suficiente para a elevação da alma feminina, sendo necessárias outras ações, que incluíam mudança de estilo de vida, o que já estava muito bem definido no século V. As virgens gozavam de grande prestígio dentro da sociedade cristã, e muitas mulheres, dentre elas viúvas, tiveram suas biografias escritas por bispos após a sua morte. Cabe ressaltar que não era um costume romano escrever sobre a vida das mulheres e, de certa forma, o movimento ascético feminino também contribuiu para isto, evidenciando o papel crucial das mulheres no cristianismo do final do Império Romano.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **DOCUMENTAÇÃO**

AGOSTINHO DE HIPONA. *Dos bens do matrimônio; A santa virgindade; dos bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana*. Coleção Patrística. v.16, 2001. São Paulo: PAULUS Editora.

AGOSTINHO DE HIPONA. *Epistolares. Cartas*. Biblioteca de Autores Cristianos (BAC) & Federación Agustiniiana Española (FAE). <https://www.augustinus.it/spagnolo/lettere/index2.htm>, Acessado em: 12/03/2020.

AGOSTINHO DE HIPONA. *S. Aurelii Augustini Opera Omnia: Patrologiae Latinae Elenchus*. PL 33. Epistolae. V. 1-5. Nuova Biblioteca Agostiniana e Citta' Nuova Editrice. <https://www.augustinus.it/latino/lettere/index2.htm>, Acessado em: 12/03/2020.

### **OBRAS DE REFERÊNCIA**

JONES, Arnold Hugh Martin; MARTINDALE, John Robert; MORRIS, John. *The Prosopography of the Later Roman Empire: Volume 2*. Cambridge University Press, 1980.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, v. 46, 2006.

BROWN, Peter. *Santo Agostinho: Uma biografia*. Rio de Janeiro, Record, 2006.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *Historia de las mujeres*. Vol. 1 La Antigüedad. Madri: Taurus, 1991.

- CRUZ, Marcus. Virtudes romanas e valores cristãos: um estudo acerca da ética e da política na antiguidade tardia. *Veritas* Porto Alegre, v. 40, n. 159, p. 319-335, 1996.
- DA SILVA, Gilvan Ventura. Ascetismo, gênero e poder no Baixo Império Romano: Paládio de Helenópolis e o status das devotas cristãs. *História*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 82-97, 2007.
- DE SOUZA COELHO, Fabiano. Jerônimo de estridão: asceta, exegeta e controverso. *Alétheia-Periódico Eletrônico de Estudos sobre Antiguidade e Medievo*, n. 1, p. 14, 2018.
- \_\_\_\_\_. Testemunho de Agostinho e Jerônimo sobre as mulheres na Antiguidade Tardia a partir de missivas cristãs. *Revista Ágora*, n. 23, p. 88-100, 2016.
- \_\_\_\_\_. Agostinho de Hipona e os discursos ascéticos e de gênero nos tratados de Bono Conjugali e de Sancta Virginitate. *Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES)*. ISSN 1981-156X, n. 35, 2017.
- DIAS, Paula Barata. A influência do Cristianismo no conceito de casamento e de vida privada na Antiguidade Tardia. *Ágora: estudos clássicos em debate*, n. 6, p. 99-133, 2004.
- FURLANI, João Carlos. Reflexões sobre a história social das mulheres na antiguidade tardia: o caso das devotas cristãs. *Revista Cadernos de Clio*, v. 4, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/clio.v4i1.40403>>. Acessado em: 02 mar 2020.
- SILVA, Valéria F.; LIMA, Marcelo P. As cartas à Proba e à: relações de gênero nos escritos agostinianos. *Revista Artemis*, vol.11, p. 21-34, dez 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/10686>>. Acesso em: 09 mar 2020.
- SEIJO IBÁÑEZ, Elisabet. La figura femenina en la obra de Ambrosio de Milán. Tesis (Doctorado en Historia). *Departamento de Historia y Arqueología de la Universidad de Barcelona, Barcelona*, 2017.
- SIQUEIRA, Silvia M. A. *Clarissimae feminae* nas comunidades cristãs: uma reflexão sobre a “democratização” da cultura na Antiguidade Tardia. *Chaos e Kosmos*, v. 14, p. 1-16, 2013.